Biblioteca Virtualbooks

PALAVRAS NO VENTO

XAVIER ZARCO

PALAVRAS NO VENTO

XAVIER ZARCO

A Clio

Deixemos, Clio, as margens deste rio,

Clausura de um poema de sentidos.

Saibamos das palavras

Todas de um só desejo.

Vamos, Clio, enlacemos nossos corpos,

Inventemos o amor, a poesia

Como ave que percorre

O caminho do sol.

Façamos deste rio agrilhoado

Corpo da ave que somos, e voemos

Com as asas do amor

Que para nós criámos.

a visão

descer

ao fundo

rumar

ao topo

não sei

que caminho

recordo

o quadro

dependurado

na janela

da memória

o grito

edward munch

[como job]

como job

espera

que o teorema

se resolva

qual poema

aberto em flor

ao teu toque

ao teu olhar

[detentor]

detentor

do supremo

saber

a flor

germina

há um sol

que grita

livre

no ventre

da semente

[Diro homem em tempo diro. A voz]

Diro homem em tempo diro. A voz

crescendo na tégula antiga.

Trepa um Te Deum pela nave

da catedral que há em ti. Ouve,

ouve esse cântico. Adormece

a voz. E desce para o centro

da argila, talvegue de sonhos,

por onde brota a flor perpétua,

a arte da vida: a criação.

[Em silêncio, habita as palavras. Um deus]

Em silêncio, habita as palavras. Um deus

esquecido percorre os meandros do mundo.

Atravessa o rumor da memória como

se indagasse um olhar, um desperto olhar sobre

a cadência errante de um cometa. Agora,

na árvore do poema, descubro o seu nome.

Como um tesouro, guardo-o no mais secreto,

puro e íntimo dos versos que te escreverei.

Fogo

nas tuas mãos

arde

o cinzel

da criação

o próprio

gesto

nado

no rigor

da matéria

exposto

somente

o fogo

que amplo

evola

de teu olhar

[herdei]

herdei

de dédalo

o gesto

o alado

desejo

de voar

Intifada

Sentado em meu sofá, frente à TV,

vejo o mundo ou o mundo que nos mostram.

Independentemente de o ser ou

de o fazer ser, o facto é que há imagens

que marcam, que perduram penduradas

na íntima galeria da memória

e nos toldam o olhar, nos impele a

trazer, a passear, como escreveu

Eugenio Bueno, com a morte

debaixo do braço. Arde, no princípio

da triste galeria, uma mão, uma

pedra, obus mineral arremessado

contra o blindado. A mão seria de uma

criança se não fosse triste o olhar

como ave que receia o voo.

Mas, sobre esta batalha, não perguntes

quem vai ganhar ou quem vai perder. Só

sei que sempre haverá uma intifada

dentro do teu olhar secreto e puro

que será não de pedras, mas de lágrimas.

Louco

E pur se muove, Galileu,

em baixa voz pronunciaste.

Chamar-te-ão louco, qual orelha

de Van Gogh, copo matinal

repleto de absinto de Alfred

Jarry, alavanca que Arquimedes

usará para erguer o mundo.

Mas cinge as estrelas, planetas,

sol, lua pela cintura e

mede o deleite puro da

elipse. Esboça as estações.

Divide pelo mênstruo e

pelo bailado solar. Faz

teu ano, mês, dia. Cada hora

a ti pertence, embora louco,

na construção de sonho e de

futuro, segundo a segundo,

delineado e conquistado.

Melancolia

há um regresso

escrito

algures

uma pedra

grávida

de formas

de humanos

desejos

um porto

algures

de onde zarparas

um cais

onde amarrar

a vontade

e um momento

este momento

de simples

sonhar

[meu corpo é âncora. sente a noite]

meu corpo é âncora. sente a noite

onde o cartógrafo desenha

a carta estelar. onde o poema

me visita para logo

partir.

com ele vou se adormeço

e acordo o sonho

[no mastro da partida]

no mastro da partida

a palavra respirando

o vento

enfunado verso

de um poema azul

[sinto]

sinto

as palavras

como fogo

queimando

nas veias

da pedra

[desperto]

desperto

o cinzel

indaga

no ventre

da pedra

o poema

[o que nasce]

o que nasce

enlaça

o sonho

funde-se

no vento

e voa

[abre]

abre

ampla

a memória

o corpo

cada palavra

tem o peso

do tempo

e do silêncio

[quem molda]

quem molda

a seara

sabe do fogo

do ardor

da voz

que canta

e silencia

o sol

****

XAVIER ZARCO

***Xavier Zarco** é o pseudónimo literário de Pedro Manuel Martins Baptista que nasceu em Coimbra (Portugal) a 4 de Outubro de 1968.*

*Publicou em livro em 1998 pela Palimage Editores (Viseu - Portugal) o título: "**O Livro dos Murmúrios**".*

*Sob o formato de e-book, editou em 2001 pela Virtualbooks (Brasil) "**No Rumor das Águas**"; em 2002 pela Expresiones E-Books (Venezuela) "**En El Rumor de las Aguas**" (versão de José Rafael Hernández); e, também em 2002, "**Acordes de Azul**" sob a chancela da Virtualbooks (Brasil).*

Colaborou em diversas antologias, revistas, jornais e, mais recentemente, em várias páginas na internet.